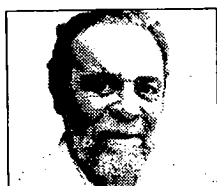


Economia - Brasil

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

M+D+I = Malan

• Ser ex-ministro da Fazenda ou ex-presidente do Banco Central dá mais grana. Todos eles, ainda que nada tenham feito de útil ou tenham até provocado catástrofes, acabam em lugares regiamente pagos pelas empresas privadas. Mas, como se diz que o dinheiro não traz a felicidade, embora muito a ajude, ser titular do cargo parece trazer mais satisfação. É o que acontece com Pedro Malan, que anda feliz com sua equipe e com o desempenho da economia.

Pedro Malan é o tipo do executivo que os economistas chamam de *low profile* e que se qualifica como discreto nesta nossa última flor do Lácio, inculta e bela, meio caída em desuso nos centros de poder. É, ainda, sistemático. Todas as manhãs dos dias úteis de Brasília, que são terça, quarta e quinta, reúne os secretários do ministério e os diretores do Banco Central para discutir os problemas de curto prazo, trocar idéias e combinar as medidas a serem tomadas.

Alguns secretários têm mais visibilidade e variadas são as suas competências. Pedro Parente, secretário-executivo, Everardo Maciel, chefe da Receita, são experientes gatos da alta burocracia brasileira. Carlos Sturvenegger, que tem nome de alemão e cara de baiano, é também um burocrata de carreira e o responsável pelos pepinos jurídicos. Foi o principal responsável pelos contratos de renegociação da dívida externa. José Roberto é o Mendonça de Barros pensador, secretário de Política Econômica. O irmão, Luiz Carlos, presidente do BNDES, é o fazedor da família. Mora num avião da Varig e hoje deve estar na China ou na Finlândia. Murilo Portugal era o homem mais detestado da Esplanada dos Ministérios porque, como secretário do Tesouro, sentava-se em cima do caixa, sem piedade nem com os aidéticos. Foi mandado descansar em Washington. Eduardo Guimarães, que o substituiu, ainda não foi descoberto pelos políticos. É tão desconhecido que se dá ao luxo de almoçar na cafeteria do Hotel Bonaparte, ponto de encontro de congressistas, sem que ninguém lhe faça pedidos ou, ao menos, xingue sua mãe. André Lara Resende, que, juntamente com Pêrsio Arida, fez o primeiro rascunho do Plano Real, juntou-se recentemente ao grupo, encarregado de pensar os projetos de médio e longo prazos. Virá três vezes por mês. Resta ver o quanto dura, porque André não esquentará lugar, a não ser o de piloto de carros de corrida. Diz Malan:

— Eu não acredito em homens salvadores ou em quem se diz sabedor de tudo na sua profissão. Acredito em equipes multidisciplinares e em examinar os problemas sob enfoques diferentes. Acho que tenho a sorte de participar de um dos grupos de maior competência e espírito público que já passou pelo Governo.

As operosas formiguinhas da imprensa política não procuram muito Pedro Malan. Conversar com ele é menos excitante que um papo com Sérgio Motta, sempre um bom candidato a manchetes. Declarações bombásticas não são de seu estilo, ponderado e reflexivo. A sua visão do que já foi feito nos últimos quatro anos e do muito que resta por fazer é a do título desse artigo, que escrevi imitando uma das equações tão caras aos economistas: M+D+I = Malan:

— Havia uma evidente ansiedade da sociedade brasileira com a inflação desregrada, que era o mais perverso imposto que se cobrava dos pobres. Estamos no quarto ano de inflação baixa, sendo que a cesta básica só aumentou 4% ao longo deste período. Isso quer dizer que o preço da alimentação diminuiu e é em comida que os mais pobres gastam a maior parte do dinheiro que têm. Portanto, o primeiro dever de um governo é continuar a defender a moeda. Essa defesa é uma tarefa permanente e que ainda está incompleta, porque a ameaça do déficit público continua a existir. Confiar na moeda é um direito da cidadania.

Moeda é o M. O D é desenvolvimento. Malan não está satisfeito com as taxas de crescimento da economia, mas diz que 1997 será o quinto ano de crescimento do PNB *per capita* e que a última vez que isto aconteceu foi na segunda metade da década de 70. Ou seja: crescendo a 4% ao ano, a economia aumentou, a cada ano, mais que a população. Acredita ser possível alcançar taxas melhores.

O I é a igualdade, e esta está muito longe de ser conseguida. Diz Malan:

— O Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão. A reforma agrária, que outros países fizeram no século passado, aqui não foi feita ainda. A igualdade de oportunidades, fundamentalmente investimentos educacionais, leva anos para ser conseguida. Até hoje não há igualdade diante da lei nem entre as regiões do país. Temos de criar respeito às instituições democráticas, oportunidades de trabalho, enfim, um trabalho para gerações, que estamos apenas começando. E uma das etapas é a reforma fiscal.

A reforma fiscal, o déficit público e outros aspectos da vida econômica ficam para terça-feira.